

ESTRATÉGIAS DE INSERÇÃO DOS AGRICULTORES FAMILIARES DE BASE ECOLÓGICA EM MERCADOS LOCAIS: O CASO DA FEIRA EM SÃO LOURENÇO DO SUL

MAX FREDERICO PINTO ALVES¹; FERNANDA NOVO DA SILVA²; ANTÔNIO JORGE AMARAL BEZERRA³; SHIRLEY G. NASCIMENTO ALTEMBURG⁴

¹*Universidade Federal de Pelotas – max.alves52@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – fernandanovo@gmail.com;*

³*Universidade Federal de Pelotas – antoniobezerra68@gmail.com*

⁴*Universidade Federal de Pelotas – shirley.altemburg@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

No contexto atual dos sistemas agroalimentares, em que a presença de escândalos relacionados à manipulação de alimentos é recorrente, crescem as incertezas sobre o que realmente estamos comendo (ALTEMBURG, 2014; CALDAS, et al., 2012). Por outro lado, ao mesmo passo que sob efeitos da globalização se reduzem ou se diluem as fronteiras que limitavam o acesso a certos artigos de consumo, são ampliadas as distâncias que separam produtores e consumidores, ao limite em que se tornam até completos desconhecidos.

Em contrapartida, ganha força movimentos que visam aproximar quem consome e quem produz, dando ênfase a produtos vinculados a outros valores de mercados (SACCO DOS ANJOS; CALDAS e MARTIL, 2010).

Nessa perspectiva, a produção de base ecológica ganha respaldo garantindo aos agricultores uma forma coerente de produzir alimentos, baseada em valores como respeito aos tempos da natureza, não utilização de agrotóxicos e diversificação produtiva (SACCO DOS ANJOS; CALDAS e MARTIL, 2010). Assim, a produção de base ecológica, pautada pelo respeito ao ambiente, às relações sociais e ao território, desloca o enfoque da economia de volume para a economia de valor (AGUILAR CRIADO; SACCO DOS ANJOS e CALDAS, 2011).

Neste mesmo cenário – diante de um processo de reorganização entre formas de produção e consumo – as feiras de produtos base ecológica¹ conquistam espaço, especialmente no sul do Brasil.

Com a intenção de ampliar nosso entendimento sobre tal universo, realizamos um estudo em uma feira livre² do município de São Lourenço do Sul, cujo objetivo foi compreender qual a motivação desses agricultores familiares em ter a feira como uma possibilidade de mercado e quais desdobramentos dessa decisão para tais famílias.

2. METODOLOGIA

A imersão a campo se deu no período de 18 a 23 de julho de 2016, junto a Feira Livre de São Lourenço do Sul, a qual tem ocorrência semanal, há mais de 20 anos, na praça central do município Dedé Serpa, aos sábados pela manhã. Para atender ao objetivo proposto, lançamos mão de uma abordagem qualitativa,

¹ A decisão pela adoção do termo “de base ecológica” justifica-se pelo entendimento de que essa expressão é capaz de traduzir significados e significantes que lastram a Agroecologia.

² Feira livre é um local de relações econômicas, sociais e culturais, tornando-a um lugar de construção de espaço e identidade, relacionados intimamente com todos os seus agentes participes. Estas relações modificam o contexto histórico momentâneo definitivo, bem como criam sempre algum tipo de relação identitárias (BOECHAT; SANTOS, 2015).

utilizando a técnica de entrevistas segundo roteiro aberto de questões. Foram realizadas entrevistas com os três agricultores familiares de base ecológica participantes desta feira livre, cada um responsável por uma banca.

Os agricultores foram selecionados em função de sua historicidade, participação na construção da feira e pelo fato de produzir alimentos sem agrotóxicos. Uma das entrevistas foi realizada na propriedade de um dos feirantes e as outras duas foram realizadas na própria feira. Com o consentimento dos entrevistados, as entrevistas foram registradas com gravador digital e através de anotações em caderneta. O conteúdo foi transscrito e os dados foram analisados através da análise dos discursos dos entrevistados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O contato com a realidade nos permitiu compreender que essa feira surge como uma possibilidade de ampliação de mercado que colabora na possibilidade de manutenção das famílias rurais e auxilia na reprodução social e na permanência destas no campo. Conforme GODOY; SACCO DOS ANJOS (2007) este espaços de construção social – as feiras livres – são, já há muito tempo, o lócus que garante a comercialização de uma gama de produtos oriundos dessa categoria social.

O excerto abaixo destaca a feira como importante mercado para comercialização,

porque se não tem a feira muita coisa vai fora. Que nem a laranja, a bergamota, muitas vezes caia tudo do pé, acabava se estragando, como a própria goiaba também acabava estragando tudo embaixo do pé, porque não tinha pra quem vender. Com a feira a gente tá comercializando o que tem em casa, né. (Agricultor 02, Campos Quevedos).

No entanto, a feira estudada além de afiançar o escoamento da produção, também representa a possibilidade de incentivar a produção de alimentos mediante sistemas sem agrotóxicos, conforme asseguram os entrevistados. Veja um trecho representativo:

Começou porque eu usava agrotóxico convencional. Ai a gente entrou no programa de agroecologia que tinha começado, há pouco tempo, aqui na Boa Vista [localidade de São Lourenço do Sul], aqui pertinho. Ai o produto ecológico pra vender não tinha comércio aqui na volta. Em casa ninguém comprava essas coisas, queriam só coisas bonitas. Ai o Capa deu incentivo... [...] Eu não tinha outra opção, eu não queria fazer outras coisas [fora da agricultura] e veneno de novo não... (Agricultor 01, Butiá).

Ao analisarmos as inserções de agricultores familiares, percebemos que a construção econômica da feira está baseada principalmente nas relações sociais (GRANOVETTER, 1973). Para este grupo a constituição da feira, representou o estabelecimento de vínculos (motivações), de agricultores familiares que sustentam uma nova condição que beira à autonomia. Essa situação é uma marca da categoria agricultura familiar, que ao se unir em grupo fortalece seu capital social mediante estratégias que guardam atributos da reciprocidade, da corresponsabilidade, da justiça e da solidariedade entre o grupo (SABOURIN, 2006).

Estas referências ancoram-se nas contribuições tecidas por Sabourin, onde ele afirma que,

[...], numa sociedade agrária, “ser socialmente” precisa dar; para dar precisa produzir. A lógica da reciprocidade motiva, portanto uma parte

importante da produção, de sua transmissão, mas também do manejo dos recursos e dos fatores de produção. [...] A reciprocidade gera assim, via distribuição, uma produção socialmente motivada, a qual constitui um fator de desenvolvimento econômico, que vai além da satisfação das necessidades elementares da população (subsistência) ou aquisição de bens materiais por meio de troca (SABOURIN, p. 84, 2004; *grifos do autor*).

No âmbito dos aspectos que motivam a participação destes agricultores na feira livre, percebemos que ela é estratégica, diante de um leque mais diverso de mercados para comercialização – quer dizer, as famílias também acessam os mercados institucionais e vendem seus produtos na loja da Cooperativa Sul Ecológica³ – pois assegura um rápido ingresso de renda, ao mesmo passo em que viabilizou a redução nas perdas derivadas da baixa absorção dos produtos nos demais mercados, especialmente, em períodos de alta oferta. Segundo suas próprias palavras:

[...] Eu era sócio, ainda sou sócio da Sul Ecológica, mas aqui eu toda semana tenho um dinheirinho que eu ganho já certo porque a gente não vende fiado à cooperativa. Não tem condições, ela tem que levar, tem que vender, depois demora bastante tempo para vir o dinheiro. (Agricultor 1, Butiá).

A gente sempre tinha problema... Muitas vezes a gente morava longe de Pelotas, né, então a gente começou a plantar com a Sul Ecológica e as vezes não tinha como pegar e trazer as coisas de lá, porque a mercadoria era pouca... Então, o que a gente tinha acabava se estragando. Outra coisa que acontecia é que quando se tinha muito, então todos produtores tinha muito produto e acabava estragando também. Porque ai era muita oferta. Ai também não tinha como mandar tudo, eles não recebiam tudo. Então a gente conversando com pessoal do CAPA⁴ – Roni Bonow, que nos atende lá –, conversando, surgiu uma ideia assim de fazer uma feira, né. Então a gente começou aos poucos trazendo o que tinha em casa. (Agricultor 2, Campos Quevedos)

Ademais, as informações obtidas nos permitem inferir que as relações comerciais nas feiras não se resumem ao mercado de intercâmbio capitalista, mas traduzem relações de reciprocidade, que auxiliam na construção de mercados socialmente construídos (SABOURIN, 2006).

A gente começou por causa que a gente tinha bastante produção, né?! O pessoal queria vender, **a gente é um grupo né...** (Agricultora 3, Campos Quevedos; *grifos nossos*).

Como pode ser visualizada a feira em São Lourenço do Sul trouxe “ânimo” para agricultura familiar local, não só pela perspectiva de mercado, mas também por possibilitar a união e fortalecimento desse grupo. Iniciativas como essa que se perpetuam ao longo dos anos enaltecem o capital social formando um tecido de relações mais sólidas. Como afirma Sabourin, “as cadeias curtas controladas socialmente por grupos de produtores [...] representam estruturas de reciprocidade bilateral⁵, produzindo amizade e confiança (Sabourin, p. 222, 2006; *grifos do autor*).

³ Cooperativa Sul Ecológica é uma organização que trabalha com agricultores ecologistas na microrregião de Pelotas.

⁴ Centro de Apoio e Promoção à Agroecologia.

⁵ Reciprocidade Bilateral – “Quando se trata de uma relação regular entre duas famílias, entre vizinhos. Podendo ser – simétrica – entre pares ou assimétrica com fornecimento com maior trabalho ou quantidade de produtos para outra. Principal sentimento produzido é a amizade e institucionalizada com apadrinhamento mútuo” (SABOURIN, p. 220, 2006).

4. CONCLUSÕES

Os resultados nos permitem perceber que a inserção dos agricultores familiares de base ecológica na feira estudada corroborou para maior estabilidade e autonomia financeira do grupo, viabilizando sua reprodução social. Ao mesmo passo a feira tem garantido e estimulado o desenvolvimento da agricultura de base ecológica, na medida em que assegura um mercado local aos produtos, que remunera rapidamente os agricultores. Além disso, garante aos consumidores lourençianos acesso a uma gama de produtos de qualidade diferencial e propicia a consagração dos mercados de proximidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUILAR CRIADO, E.; SACCO DOS ANJOS, F.; CALDAS, N.V.. Productos locales, calidad y diversificación: nuevas estrategias de desarrollo en el mundo rural de España y Brasil. **Estudios sociológicos** vol 29, Nº 85 (enero-abril 2011): pp.189-214. El Colegio de México, A.C. Distrito Federal, México.

| ALTEMBURG, S.G.N.. **A comida invisível:** Representações sociais sobre a alimentação escolar entre a comunidade escolar e os agricultores familiares na região de Pelotas, RS. 2013. 207f. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Sistemas de Produção Agrícola Familiar. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2013.

BOECHAT, P.T.V.; SANTOS, J.L.. **Feira livre:** dinâmicas espaciais e relações identitárias. Bahia: Universidade Estadual da Bahia–Campus 2009. Disponível em:<<http://www.uesb.br/eventos/ebg/anais/2p.pdf>>. Acesso em: 22 de jul. 2016.

CALDAS, N. V., SACCO DOS ANJOS, F., BEZERRA, A. J. A., AGUILAR CRIADO, E.. Certificação de Produtos Orgânicos: obstáculos à implantação de um sistema participativo de garantia na Andaluzia, Espanha. **Revista RESR**, Piracicaba-SP, Vol. 50, Nº 3, p. 455-472, Jul/Set., 2012.

GODOY,W.I.; SACCO DOS ANJOS, F.. A importância das feiras livres ecológicas: um espaço de trocas e saberes da economia local. **Cadernos de Agroecologia**. Porto Alegre. v. 2 n.1. 2007.

GRANOVETTER, M.. The strength of weak ties. **American Journal of Sociology**, 78(6): 1360-1380 1973.

SABOURIN, E.. Dádiva e reciprocidade nas sociedades rurais contemporâneas. **Revista Tomo**. Sergipe, n.7. 2004.

SACCO DOS ANJOS, F.; CALDAS, N.V.; MARTIL, G.C.D. Redes Agroalimentares alternativas, Consumo crítico e processos de construção da qualidade. In: LEITE, Elaine Silveira; MASSAÚ, Guilherme Camargo; SOTO, William Hector Gomes. (Org.). **Teorias e práticas sociológicas**. 1^aed. São Paulo: Max Limonad, 2016, v. 1, p. 125-141.